

Divulgação científica no jornalismo esportivo: por um futebol que pense raça, gênero e classe social

Scientific dissemination in sports journalism:
towards a football that thinks race, gender, and social class

Magali Cristina Rodrigues Lameira

Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Brasil
Doutoranda em Educação Física e Sociedade, UNICAMP
m191174@dac.unicamp.br

Sérgio Settani Giglio

Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Brasil
Doutor em Ciências, USP

RESUMO: Este artigo discute a necessidade de integrar a divulgação científica ao jornalismo esportivo brasileiro, com especial atenção às questões interseccionais de raça, gênero e classe social no futebol. Com base em uma reflexão crítica sobre o papel da mídia esportiva, argumenta-se que o jornalismo esportivo pode e deve atuar como mediador entre os saberes científicos e o público. O texto propõe um reposicionamento da prática jornalística esportiva como um espaço comprometido com a formação crítica, a justiça social e a valorização do conhecimento. A intersecionalidade é apresentada como uma lente analítica indispensável para compreender as desigualdades que atravessam o futebol, e a divulgação científica como uma ferramenta essencial para democratizar o acesso à informação e qualificar o debate público. Conclui-se que programas jornalísticos alinhados a esses princípios podem transformar a relação entre esporte, mídia e sociedade, tornando o futebol um campo mais inclusivo, reflexivo e democrático.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo esportivo; Divulgação científica; Interseccionalidade; Futebol; Mídia.

ABSTRACT: This article discusses the need to integrate scientific dissemination into Brazilian sports journalism, with particular attention to intersectional issues of race, gender, and social class in football. Based on a critical reflection on the role of sports media, it is argued that sports journalism can and should serve as a mediator between scientific knowledge and the general public. The article proposes a repositioning of sports journalism as a practice committed to critical education, social justice, and the appreciation of knowledge. Intersectionality is presented as a key analytical lens to understand the inequalities that permeate football, while scientific dissemination is seen as an essential tool to democratize access to information and improve public debate. It concludes that journalistic programs aligned with these principles can reshape the relationship between sport, media, and society, making football a more inclusive, reflective, and democratic space.

KEYWORDS: Sports journalism; Scientific dissemination; Intersectionality; Football; Media.

INTRODUÇÃO

O jornalismo esportivo no Brasil é um dos segmentos mais consumidos pela população,¹ impulsionado por uma cultura que coloca o futebol em posição central na vida pública e privada. Esporte e mídia construíram-se mutuamente, quanto mais mobilização do esporte na sociedade, mais jornais impressos surgiram.² A paixão nacional pelo esporte move audiências, vende produtos e constrói identidades.

Nas últimas décadas, a divulgação científica tem ganhado destaque como elemento essencial para a democratização do conhecimento e o fortalecimento do pensamento crítico na sociedade. No entanto, ainda é incipiente sua presença no jornalismo esportivo. Há também um preconceito ainda presente no meio acadêmico brasileiro (pouco espaço em eventos acadêmicos de comunicação) e de parte do mercado de comunicação que consideram o esporte como algo menor.³ Por ser considerado como algo menos importante, ao longo do tempo, não raro esse campo jornalístico é visto como algo superficial, espetacularizado e destituído de abordagens críticas, especialmente quando se trata de pensar o esporte como fenômeno social, político e científico. Em meio à avalanche de informações que caracteriza a era digital, é urgente repensar o papel do jornalismo esportivo para além da função de entretenimento.

Esse descompasso revela, não apenas uma lacuna de conteúdo, mas uma oportunidade histórica de reconectar a cobertura esportiva com temas centrais das Ciências Humanas, como a interseccionalidade de raça, gênero e classe social, e com os avanços científicos nas áreas de saúde, tecnologia, psicologia, sociologia e filosofia do esporte.

Em outras palavras, falta ao jornalismo esportivo a capacidade e o compromisso de funcionar como elo entre a produção acadêmica e o público que consome futebol de forma massiva. Isso significa que o(a) jornalista esportivo(a) pode e deve atuar como agente de divulgação científica, especialmente em contextos em que o futebol se entrelaça com desigualdades estruturais. Essa prática não se restringe à

¹ LAMEIRA. *Valores do esporte*.

² GASTALDO. *O futebol nas ciências humanas no Brasil*.

³ GASTALDO. *O futebol nas ciências humanas no Brasil*; MARQUES. *O futebol nas ciências humanas no Brasil*.

tradução de termos técnicos para uma linguagem acessível, mas implica um posicionamento político e ético diante das narrativas dominantes que frequentemente silenciam ou distorcem as vivências de mulheres, pessoas negras, LGBTQIAPN+ e populações periféricas no mundo do futebol.

A proposta deste artigo é refletir sobre os potenciais e os desafios da articulação entre o jornalismo esportivo e a divulgação científica, especialmente à luz de uma abordagem interseccional. Nossa ponto de partida é o reconhecimento de que o futebol não é apenas um espetáculo ou um produto de consumo midiático, mas um fenômeno social complexo, que opera como espelho e laboratório da sociedade. Afinal, compreender o futebol é também compreender o Brasil.⁴ Nesse sentido, a mídia que o narra, comenta e interpreta deve ser convocada a aprofundar sua prática.

A presença da ciência no esporte é inequívoca. Da biomecânica à psicologia, da nutrição à inteligência artificial aplicada ao desempenho, o esporte de alto rendimento é atravessado por inovações e descobertas constantemente. Porém, esse campo de conhecimento permanece invisibilizado na maior parte dos programas esportivos televisivos, principalmente as mesas redondas, que preferem priorizar debates passionais, polêmicas e ex-atletas como comentaristas, em detrimento de análises com embasamento aprofundado e científico. Como observado por Umberto Eco, a falação esportiva mantém um ruído constante de comunicação, sem conteúdo substancial.⁵ A ciência do esporte, por sua vez, também sofre com a falta de estratégias eficazes de comunicação com o grande público. Isso cria um vácuo onde reina a desinformação – ou, no melhor dos casos, o senso comum.

Essa lacuna não é neutra. Quando a ciência é ausente da cobertura esportiva, perde-se também a chance de explicar criticamente como o desenvolvimento tecnológico, por exemplo, pode afetar de forma desigual atletas de diferentes origens sociais; ou como o avanço da medicina esportiva é mais acessível a determinados corpos do que outros – geralmente brancos, masculinos e economicamente favorecidos. É nesse ponto que a interseccionalidade emerge como ferramenta indispensável. Concebida por autoras como Kimberlé Crenshaw e aprofundada por Patricia Hill Collins,

⁴ DAMATTA. Esporte na sociedade.

⁵ ECO. *Viagem na irrealidade cotidiana*.

a interseccionalidade permite compreender como sistemas de opressão se entrelaçam e se reforçam mutuamente,⁶ moldando as experiências no esporte e fora dele.

A ausência de um olhar interseccional na mídia esportiva não apenas compromete a qualidade da informação, mas também contribui para a manutenção de narrativas excludentes. Quando questões como racismo, sexismo e desigualdade social são tratadas como pautas factuais, a mídia reitera a ideia de que o futebol é um espaço neutro, meritocrático e separado das disputas sociais, uma fantasia que serve aos interesses do mercado, mas não à formação cidadã de seu público.

Por isso, é fundamental pensar em formatos da abordagem jornalística no esporte, em geral, e no futebol, em particular, que se alinhem aos princípios da divulgação científica e da justiça social. Não se trata de abandonar o entretenimento, mas de reformular seus significados, tornando o esporte um território fértil para a reflexão, o diálogo interdisciplinar e a ação transformadora. Tais formatos devem reconhecer a importância de promover debates públicos embasados, valorizar vozes marginalizadas e apresentar o conhecimento científico de maneira contextualizada e crítica.

Este artigo, portanto, defende que o jornalismo esportivo televisivo tem muito a ganhar ao incorporar práticas e princípios da divulgação científica e que essa integração deve estar comprometida com uma abordagem interseccional das desigualdades que atravessam o futebol. Para isso, apresentaremos, ao longo do texto, um percurso que comprehende: a crise informacional e o papel da divulgação científica; o lugar do jornalismo esportivo como mediador de saberes; e, por fim, a importância de articular essa prática com os debates contemporâneos sobre raça, gênero e classe no futebol brasileiro.

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E A CRISE DA SUPERFICIALIDADE INFORMACIONAL

A sociedade contemporânea vive uma tensão constante entre excesso de informação e escassez de sentido.⁷ Se, por um lado, nunca se produziu e circulou tanta informação como na atualidade, por outro, a capacidade de transformar esse conteúdo em

⁶ COLLINS. *Interseccionalidade*.

⁷ HAN. *A crise da narração*.

conhecimento relevante e crítico parece cada vez mais comprometida. Esse fenômeno intitulado de “crise da narração”: um tempo em que as informações são fragmentadas, acumuladas de forma aditiva, mas desprovidas de enredo, de mediação e de continuidade histórica. Nessa lógica, o tempo é dissolvido em uma sucessão de dados e estímulos que desorientam em vez de orientar.⁸

Essa condição é agravada pela lógica do espetáculo,⁹ na qual a imagem e a emoção substituem a reflexão e o conhecimento. No campo esportivo, esse cenário é particularmente evidente. As transmissões e os programas esportivos, tanto da televisão aberta quanto da fechada – sobretudo as mesas-redondas dedicadas à análise das rodadas e ao cotidiano dos clubes –, em sua maioria, privilegiam a performance, a rivalidade, a polêmica e o consumo, relegando a um segundo plano as explicações de caráter estrutural, os dados científicos e as questões de ordem social.¹⁰ Essa “falação” não apenas ocupa o espaço da ação, mas simula engajamento: discute-se o esporte como se discutisse política, mas sem efeito transformador. A energia que poderia ser crítica se dissiparia em opiniões sobre jogos. O atleta vira monstro; o espectador, voyeur.¹¹ Em vez de funcionar como um espaço para o aprofundamento e a mediação, o jornalismo esportivo frequentemente reforça os ruídos e as polarizações que caracterizam a era da excitação social.¹²

Nesse contexto, a divulgação científica emerge como uma necessidade social. Longe de ser uma tarefa exclusiva dos cientistas ou de veículos especializados, ela se configura como uma missão compartilhada por toda a esfera pública interessada em qualificar o debate e democratizar o acesso ao conhecimento. As críticas ao jornalismo esportivo nesse sentido são antigas, mas permanecem atuais nas discussões sobre futebol – sobretudo quando se trata da televisão aberta e de períodos de campeonatos. Nesses momentos, o espaço destinado aos cientistas do esporte é bastante reduzido, sendo geralmente ampliado apenas durante os intervalos entre torneios, como uma

⁸ HAN. *A crise da narração*.

⁹ DEBORD. *A sociedade do espetáculo*.

¹⁰ BETTI. Esporte, televisão e espetáculo.

¹¹ ECO. *Viagem na irrealidade cotidiana*, p. 223.

¹² TÜRCKE. *Sociedade excitada*.

estratégia para preencher a grade de programação. Uma visualização emblemática desse processo foi representada pela “espiral da cultura científica”.¹³



Fig. 1 – A espiral da cultura científica (Vogt, 2011, p. 10) e seus quadrantes, mostrando a complexa dinâmica das relações entre ciência e disseminação do conhecimento científico.

Essa espiral compreende quatro quadrantes que interagem entre si: a produção do conhecimento (nas universidades e centros de pesquisa), a sua transferência (no ambiente educacional), a sua popularização (em museus, feiras e eventos científicos) e, finalmente, a sua divulgação (na mídia, redes sociais, revistas de divulgação etc.).

A divulgação científica, nesse sentido, ocupa o último quadrante, mas não o menos importante. É justamente nessa etapa que o conhecimento se torna público, acessível e, portanto, relevante. É também nessa etapa que ele corre maior risco de ser distorcido, simplificado ou instrumentalizado. Por isso, a responsabilidade da mídia é estratégica: é ela quem traduz, contextualiza e apresenta o conhecimento científico para uma audiência ampla e diversa. Quando a mídia falha em fazer essa mediação, seja por despreparo, por interesses comerciais ou por desprezo ao papel

¹³ VOGT. Prefácio: De ciências, divulgação, futebol e bem-estar cultural; VOGT. The spiral of scientific culture and cultural well-being: Brazil and Ibero-America.

formativo da comunicação, o resultado é o empobrecimento do debate público e a reprodução de desigualdades no acesso à informação de qualidade.

A distinção conceitual entre comunicação científica e divulgação científica é útil nesse debate. Enquanto a comunicação científica está voltada ao diálogo entre especialistas, a divulgação científica tem como objetivo democratizar o acesso ao conhecimento e promover a alfabetização científica da população. Isso implica mais do que informar: é preciso contextualizar, problematizar e dar sentido aos dados e descobertas.¹⁴ A boa divulgação científica deve “desembaraçar o olhar dos cidadãos”, oferecendo-lhes ferramentas para compreender a complexidade do mundo em que vivem.¹⁵

Nesse ponto, cabe reconhecer que, embora o Brasil tenha avançado em iniciativas voltadas à popularização da ciência – como as ações de museus, eventos e projetos escolares –, ainda há um vácuo importante na interface entre ciência e mídia de massa. E esse vácuo é ainda mais evidente quando se trata de esportes. Há uma ausência quase total de programas de jornalismo esportivo que assumam a missão de divulgar, de forma crítica e acessível, os conhecimentos produzidos nas ciências do esporte e nas ciências humanas que estudam o fenômeno esportivo.¹⁶ Essa ausência compromete a formação de uma consciência crítica sobre o esporte, suas estruturas e seus impactos.

O que está em jogo aqui não é apenas a qualidade do conteúdo jornalístico, mas a própria função social da mídia. Um jornalismo esportivo que incorpora a divulgação científica como princípio, não apenas qualifica a cobertura, como contribui para a formação cidadã de sua audiência. Isso é particularmente importante em um país onde o futebol é parte da cultura nacional e mobiliza milhões de pessoas. A informação científica pode e deve fazer parte dessa cultura – explicando, por exemplo, os impactos da tecnologia no desempenho esportivo, os desafios da medicina esportiva, as desigualdades no acesso à infraestrutura de formação de atletas, as questões de gênero no rendimento, entre outros temas que ligam esporte e ciência.

A centralidade do esporte no imaginário coletivo brasileiro faz dele um veículo privilegiado para a comunicação pública da ciência. E é exatamente por isso que

¹⁴ BUENO. Comunicação científica e divulgação científica.

¹⁵ LORDÉLO; PORTO. Divulgação científica e cultura científica.

¹⁶ LAMEIRA. *Valores do esporte*.

sua cobertura não pode permanecer aprisionada a modelos obsoletos de transmissão. A estrutura tradicional dos programas esportivos televisivos, com mesas redondas formadas majoritariamente por ex-jogadores, pautas ancoradas apenas no factual, e ausência de diversidade de fontes – precisa ser revista à luz dos desafios contemporâneos da comunicação. Isso exige iniciativas que aliem rigor técnico e garantam controle de qualidade, evitando interpretações distorcidas ou superficiais.¹⁷

Além disso, a divulgação científica no esporte deve dialogar com as disputas simbólicas que atravessam o campo.¹⁸ Isso significa reconhecer que o saber científico não é neutro, nem está fora das lutas por representação. É fundamental, portanto, que “a ciência e os resultados de pesquisa precisam ser comunicados tanto para especialistas quanto para quem não tem nenhuma intimidade com os termos e jargões técnicos”.¹⁹ E mais: precisam ser comunicados de forma crítica, evitando reforçar visões deterministas ou ideologias meritocráticas que reforçam as desigualdades sociais.

A ausência de divulgação científica crítica nas mesas redondas²⁰ contribui para que temas como racismo estrutural, desigualdade de gênero e elitização do esporte sejam tratados como questões isoladas, episódicas ou emocionais. Isso alimenta um ciclo vicioso em que a audiência é mantida em um estado de desinformação ou de percepção distorcida dos fenômenos sociais. O desafio, portanto, é construir uma cultura midiática que valorize o conhecimento, a reflexão e a pluralidade, sem renunciar à linguagem acessível, do entretenimento e da conexão emocional que o futebol proporciona.

Em suma, a crise da superficialidade informacional que marca o jornalismo esportivo pode ser enfrentada com a incorporação da divulgação científica como eixo estruturante de sua prática. Como apontado pelo jornalista Paulo Calçade, em

¹⁷ AMARAL et. al. Divulgação e popularização da ciência em Educação Física e Esporte.

¹⁸ BOURDIEU. *O poder simbólico*.

¹⁹ FARIA; MAIA. Proposição de Observatório Científico para Popularização da Ciência.

²⁰ Observa-se uma tentativa de incorporar às mesas-redondas um maior aprofundamento nas discussões de cunho social. No entanto, esse espaço ainda é restrito – tanto em relação ao conteúdo abordado quanto à diversidade dos participantes. Em sua maioria, essas mesas são compostas por homens; quando há mulheres, estas estão em número significativamente inferior, e quase sempre são mulheres brancas. A participação de pessoas LGBTQIAPN+ permanece extremamente reduzida, revelando a persistência de barreiras à representatividade e à pluralidade de vozes no jornalismo esportivo.

entrevista ao Portal Ludopédio, que apenas gostar de esporte ou dominar técnicas jornalísticas não são suficientes para compreender e analisar criticamente o universo do futebol. Essa constatação o levou a buscar formação complementar na área esportiva. Esse percurso formativo lhe proporcionou uma base sólida para sair do senso comum e da superficialidade que muitas vezes marcam o jornalismo esportivo, como colocado pelo entrevistado.

Segundo ele, “só gostar é muito pouco hoje pra você trabalhar com jornalismo esportivo”. O aprofundamento o ajudou a entender os bastidores do esporte, a lidar com o público apaixonado e a sustentar análises mais embasadas, mesmo diante de temas complexos ou polêmicos. “Não significa que eu saiba tudo, mas você sabe como as coisas funcionam”, afirma.

Calçade também critica a ausência de diálogo entre o campo acadêmico e o jornalístico, destacando que o conhecimento sobre o esporte, embora existente nas universidades, permanece represado, sem alcançar o jornalismo e o grande público. Para ele, essa falta de integração enfraquece o debate esportivo e alimenta análises rasas. Por isso, defende que jornalistas busquem aproximação com o conhecimento científico e técnico, não apenas para melhorar suas análises, mas para contribuir com um jornalismo mais responsável, reflexivo e socialmente relevante.²¹

Isso não implica tornar o conteúdo técnico ou inacessível, mas sim investir na formação de jornalistas capazes de dialogar com pesquisadores, de interpretar dados, de construir pontes entre o saber acadêmico e o cotidiano do esporte. A divulgação científica, quando feita com responsabilidade e sensibilidade, amplia o repertório do público, fortalece o debate democrático e reposiciona o jornalismo esportivo como agente de transformação cultural, não só como puro entretenimento.

O JORNALISMO ESPORTIVO COMO MEDIADOR DE SABERES

A função do jornalismo como mediador entre os acontecimentos sociais e a interpretação pública destes fatos é amplamente reconhecida. No entanto, quando se

²¹ LUDOPÉDIO. Entrevistas.

trata do jornalismo esportivo, esse papel frequentemente é reduzido a um desempenho técnico-informativo, centrado em resultados, tabelas, escalações e polêmicas episódicas. Essa limitação não é casual, mas sim efeito de uma estrutura histórica que posicionou o jornalismo esportivo mais como entretenimento do que como ferramenta de análise crítica e produção de sentido. O resultado é um campo jornalístico onde a mediação de saberes é rarefeita e onde o aprofundamento científico, em especial, tem pouca ou nenhuma presença.

Contudo, o jornalismo esportivo, ao cobrir um fenômeno tão significativo como o futebol, tem um potencial imenso de operar como mediador entre a ciência do esporte e o público.

Essa mediação não deve ser compreendida apenas como tradução ou simplificação, mas como trabalho intelectual e social de contextualização, problematização e democratização de saberes. O(a) jornalista esportivo(a), portanto, pode se constituir como agente ativo de divulgação científica, capaz de interligar diferentes campos do conhecimento e de ampliar o repertório informacional e crítico da audiência.

O jornalismo não é apenas uma atividade técnica de transmissão de fatos, mas um campo de disputa simbólica, no qual diferentes agentes tentam impor determinadas visões de mundo como legítimas. Nesse sentido, o jornalismo esportivo atua na construção de narrativas que, não apenas descrevem o esporte, mas o produzem enquanto fenômeno cultural. Quando essas narrativas ignoram a ciência, a história, a sociologia e outras dimensões humanas, reforçam uma ideia empobrecida do esporte – e, por consequência, da sociedade que ele representa.²²

Esse empobrecimento é intensificado pela lógica do espetáculo, que transforma o jornalismo esportivo em uma extensão da indústria do entretenimento. A mídia esportiva no Brasil é atravessada por uma fusão entre informação, propaganda e emoção. A crítica desaparece, e o que se impõe é uma cobertura marcada pela exaltação, pelo sensacionalismo e pela personalização das disputas.²³ Os pro-

²² BOURDIEU. *Sobre a televisão*.

²³ VAZ. Esporte, cultura de massas: comentários segundo uma teoria crítica da sociedade.

gramas esportivos tendem a ser organizados em torno de comentaristas “carismáticos”, ex-jogadores e debates acalorados, frequentemente pautados por achismos e pelo imediatismo.²⁴

Nessa configuração, temas mais densos, como os impactos sociais da tecnologia no esporte, as desigualdades estruturais no acesso à formação esportiva, ou os dilemas éticos da profissionalização precoce de atletas não encontram espaço. Ou, quando aparecem, são tratados de forma superficial, descolados de qualquer ancoragem científica ou crítica. A ausência de especialistas, pesquisadores e pesquisadoras como fontes recorrentes no jornalismo esportivo é sintomática dessa lógica. Isso contribui para a perpetuação da desinformação e para a cristalização de visões estereotipadas sobre o esporte e seus protagonistas.

Mas essa configuração não é definitiva. Há, sim, espaço e necessidade de reconstruir o jornalismo esportivo como um espaço de produção de conhecimento e mediação entre saberes. E isso não significa negar sua dimensão lúdica ou emocional, mas enriquecer sua abordagem com novas perspectivas. O esporte pode ser pensado como um “laboratório ético”: um ambiente em que dilemas morais, disputas de valores e questões sociais se tornam visíveis e podem ser analisados criticamente. O jornalismo, ao mediar essas narrativas, tem a possibilidade de ampliar o senso crítico da audiência e fomentar debates públicos qualificados.²⁵

Nesse sentido, o jornalismo esportivo pode e deve contribuir para a formação científica e cidadã da sociedade. Isso exige uma reconfiguração de suas práticas, que inclua a valorização da pesquisa científica como fonte legítima de informação e a incorporação de temas estruturalmente invisibilizados. “O jornalista fornece os elementos para que o público compreenda o que está acontecendo”; sua tarefa não é apenas narrar, mas interpretar, contextualizar, traduzir. Ao abrir espaço para especialistas, dados e estudos, o jornalismo esportivo amplia sua relevância social e rompe com a lógica do “comentário pelo comentário”.²⁶

²⁴ BARBEIRO; RANGEL. *Manual do Jornalismo Esportivo*.

²⁵ RYALL. *Philosophy of sports*.

²⁶ GUILBERT. *As evidências do discurso neoliberal na mídia*.

Essa mediação torna-se ainda mais necessária quando consideramos que o público do jornalismo esportivo é diverso e massivo. Há, portanto, uma oportunidade estratégica de inserir a divulgação científica em um campo de grande alcance e alto engajamento. Vale ressaltar, no entanto, que a proposta aqui apresentada não se refere à tentativa de modificar diretamente as pautas do jornalismo esportivo tradicional ou comercial, mas sim à construção de um programa próprio, com identidade editorial distinta, orientado por princípios de divulgação científica e sensibilidade aos marcadores sociais.

O desafio da divulgação científica está menos em produzir conteúdo do que em criar canais de circulação e acesso. Essa observação é importante para o jornalismo esportivo, no qual os saberes científicos existem, mas raramente encontram meios eficazes de mediação com o público geral.

O jornalismo esportivo, por sua presença nas mídias tradicionais e digitais, pode ser esse canal, desde que reformulado a partir de uma nova abordagem da informação.²⁷ Acredita-se que, ao propor um novo formato de programa, suas pautas, consequentemente, se diferenciam das que predominam na cobertura esportiva convencional, o que pode ampliar as possibilidades de abordagem crítica e formativa no campo esportivo.

Tal reformulação exige repensar o papel do(a) jornalista esportivo(a). É necessário ir além da figura do especialista em futebol e reivindicar o(a) jornalista como sujeito crítico, informado, interdisciplinar e comprometido com o interesse público. Isso não significa transformar o jornalismo esportivo em jornalismo acadêmico, mas sim romper com a ideia de que ciência e futebol são esferas incomunicáveis. O esporte está permeado por saberes científicos e cabe ao jornalismo construir pontes que revelem essas conexões ao público.

Além disso, o jornalismo esportivo pode operar como eixo de valorização do conhecimento produzido nas universidades, nos grupos de pesquisa, nas dissertações e teses que se dedicam ao estudo do futebol e do esporte. Há uma riqueza de investigações sendo feitas sobre temas como racismo no futebol, desigualdade de

²⁷ MASSARANI; BAUER; AMORIM. Um raio X dos jornalistas de ciência: há uma nova ‘onda’ no jornalismo científico no Brasil?

gênero nas estruturas esportivas, impactos sociais da tecnologia, entre outros.²⁸ Esses estudos, se transformados em conteúdo acessível, podem potencializar o papel formativo do jornalismo e aproximar a ciência da sociedade.

Outro aspecto central dessa mediação é a linguagem. O jornalismo esportivo tem como característica a construção de uma linguagem coloquial, emocional, muitas vezes metafórica, uma linguagem que aproxima e engaja. Esse potencial pode ser explorado para comunicar ciência de forma atrativa, sem renunciar ao rigor.

Por fim, é necessário pensar em formatos inovadores. O jornalismo esportivo pode diversificar suas práticas, incorporando entrevistas com pesquisadores, análises baseadas em estudos científicos, séries especiais sobre temas estruturais do esporte que façam uma abordagem crítica, com dados e não só a abordagem emocional, conteúdos educativos nas redes sociais, podcasts reflexivos, entre outros. O fundamental é romper com a lógica do comentário descolado de dados e de fontes confiáveis, e instituir uma prática jornalística que reconheça sua função educativa e formadora.

O jornalismo esportivo, principalmente, quando se trata das mesas redondas, pode se tornar um mediador de saberes ao incorporar a divulgação científica como eixo de sua atuação. Essa mediação é essencial para qualificar o debate público sobre o futebol, revelar suas camadas invisíveis e contribuir para a construção de uma sociedade mais informada, crítica e justa. Toledo aponta que as mesas-redondas têm um discurso menos preso à técnica estatística e mais guiado por memórias, impressões e visões subjetivas. Isso as torna parecidas com as mesas de bar, no sentido de serem espaços onde há mais dúvidas, emoções, discordâncias e ausência de consenso. Ou seja, são arenas discursivas em que não se busca uma verdade absoluta, mas sim interpretações.²⁹ É preciso, portanto, reivindicar um jornalismo esportivo que informe, emocione e que também pense.

²⁸ Como, por exemplo, o projeto *Esporte Diverso*, realizado pelo Sesc Pinheiros. Apesar de ser um programa voltado para o esporte de modo geral e que aborda de forma ampla os marcadores sociais, constitui uma tentativa de incorporar discussões interseccionais ao campo esportivo. Há também iniciativas do *Ludopédio*, portal de divulgação científica sobre futebol, que, além de conteúdos textuais, oferece programas, podcasts e entrevistas.

²⁹ TOLEDO. *Lógicas no futebol*, p. 366.

INTERSECCIONALIDADE E A URGÊNCIA DE UM JORNALISMO ESPORTIVO CRÍTICO

A interseccionalidade tem se consolidado como uma das principais ferramentas teóricas para a análise das desigualdades sociais em sua complexidade. Concebida a partir da articulação entre raça, classe e gênero, mas também ampliável para outras categorias como sexualidade, deficiência, geração e nacionalidade, essa abordagem nos permite compreender como diferentes formas de opressão se entrecruzam, produzindo efeitos específicos em distintos grupos sociais.³⁰ No campo do esporte e, particularmente, do futebol, a interseccionalidade oferece um olhar potente para interpretar a persistência das desigualdades em meio à narrativa dominante de meritocracia e mobilidade social.

A interseccionalidade nos força a abandonar a ideia de um sujeito universal e homogêneo, e nos convida a reconhecer que as experiências sociais são determinadas por múltiplos eixos de diferenciação.³¹ Aplicada ao esporte, essa abordagem permite compreender, por exemplo, por que as mulheres negras enfrentam barreiras diferentes (e geralmente mais complexas) do que os homens brancos no acesso ao alto rendimento, à visibilidade midiática ou aos espaços de poder no futebol. A partir desse olhar, torna-se evidente que a desigualdade no esporte não é apenas uma questão de desempenho ou estrutura, mas de organização social, histórica e cultural.

A mídia esportiva, contudo, raramente adota essa lente. Quando temas como racismo, sexismo ou desigualdade social emergem na cobertura, são geralmente tratados de forma pontual, episódica e despolitizada. Casos de injúria racial, por exemplo, costumam ser noticiados como eventos isolados, sem contextualização histórica ou discussão aprofundada sobre o racismo estrutural que permeia o futebol.

Oliveira destaca que, embora temas como racismo e preconceito racial tenham ganhado grande visibilidade na mídia (especialmente em portais como G1 e UOL), essa cobertura tende a enquadrar o racismo como problema de comportamento individual ou “disfuncional”, e não como fenômeno estrutural. Além disso, há ausência de vozes e organizações do movimento negro na esfera pública, prevalecendo a divulgação de ações positivas e casos isolados, o que desloca o debate do

³⁰ COLLINS. *Interseccionalidade*.

³¹ COLLINS. *Interseccionalidade*.

campo político-estrutural para o âmbito contingente e pessoal, mantendo intacta a lógica econômica e social que sustenta as desigualdades.³²

Como podemos observar no programa *Os Donos da Bola*, exibido no dia 29 de outubro de 2024, o apresentador Neto comenta que o jogador brasileiro Vini Jr. não recebeu o prêmio Bola de Ouro por ser negro. No entanto, não há qualquer contextualização histórica nem a participação de pesquisadores especializados na temática para embasar a discussão. A abordagem se dá por meio de uma crítica emocional, mas sem aprofundamento crítico.³³ Isso vale também para a desigualdade de gênero, frequentemente reduzida a comparações salariais ou a celebrações vazias em datas comemorativas, ignorando as estruturas que sistematicamente excluem, invisibilizam ou marginalizam mulheres no esporte.

Essa superficialidade tem consequências importantes. Ao tratar as questões sociais como desvios individuais ou exceções à regra, o jornalismo esportivo contribui para reforçar a naturalização das desigualdades. Além disso, reproduz uma lógica que desresponsabiliza as instituições como: clubes, federações, empresas de mídia, patrocinadores, por sua contribuição à manutenção dessas assimetrias. Ao ignorar ou esvaziar as dimensões interseccionais do futebol, o jornalismo esportivo se alinha, muitas vezes, à ideologia do mérito individual, que legitima privilégios históricos e nega as barreiras estruturais enfrentadas por grupos racializados, empobrecidos e/ou minorizados.

A adoção da interseccionalidade como princípio de análise e prática no jornalismo esportivo é, portanto, uma necessidade urgente. Não se trata de uma pauta identitária ou de nicho, mas de um compromisso com a justiça social e com a qualidade da informação.

Um jornalismo esportivo crítico, comprometido com a interseccionalidade, é aquele que se pergunta não apenas “quem ganhou o jogo?”, mas “quem pode jogar?”, “quem é ouvido?”, “quem é esquecido?”, “quem é representado e como?”. Essas perguntas são fundamentais para desnaturalizar as desigualdades e propor alternativas para sua superação.

³² OLIVEIRA. Novas configurações da esfera pública, diversidade etnicoracial e jornalismo, p. 27.

³³ BAND. Neto defende Vini Jr após não conquistar a Bola de Ouro: “Não ganhou por ser preto”.

O futebol é um campo fértil para essa reflexão porque concentra e simboliza muitas das tensões da sociedade brasileira. Embora tenha começado como entretenimento das elites locais, o futebol foi espaço de ascensão para jovens negros de periferia, ao mesmo tempo em que se constituiu como ambiente de reprodução de estereótipos raciais, exploração econômica e exclusão institucional. Hoje, o futebol feminino luta por reconhecimento, estrutura e respeito em um ambiente ainda fortemente masculinizado. Atletas LGBTQIAPN+ enfrentam silenciamento, invisibilidade e hostilidade em estádios e vestiários. E as torcidas populares sofrem criminalização, enquanto os camarotes das elites recebem incentivos e blindagens.

Essas dinâmicas não são novidades para pesquisadores(as) das ciências humanas, mas continuam sendo tratadas com descaso ou ignorância pela maioria dos programas esportivos. Isso revela não apenas uma falha de pauta, mas uma falta de paradigma. A ausência de um olhar interseccional impede que o jornalismo esportivo cumpra sua função formativa e crítica. Ao reproduzir narrativas simplistas, ele reforça a ideia de que o futebol é um espaço neutro, meritocrático e apolítico, quando, na verdade, ele é campo de disputa, representação e poder.

A interseccionalidade, nesse cenário, pode ser compreendida como uma espécie de bússola crítica para o jornalismo esportivo. Ela permite navegar pelas múltiplas camadas de desigualdade que atravessam o futebol e construir narrativas mais justas, plurais e informadas. Isso exige que jornalistas esportivos(as) estejam abertos ao diálogo com pesquisadores(as), movimentos sociais e experiências que rompem com os discursos hegemônicos. Exige também uma escuta ativa e respeitosa às vozes que historicamente foram silenciadas ou marginalizadas no noticiário esportivo.

É importante lembrar que a interseccionalidade não se reduz à denúncia ou à problematização das opressões. Ela também oferece ferramentas para imaginar novos mundos possíveis. Ao reconhecer que os sujeitos são marcados por múltiplas dimensões identitárias e sociais, abre-se a possibilidade de construir práticas jornalísticas mais inclusivas, colaborativas e representativas. Isso implica não apenas falar *sobre* os grupos minorizados, mas falar *com* eles, escutá-los, envolvê-los, valorizá-los como fontes legítimas de saber.

Nesse sentido, o jornalismo esportivo pode se beneficiar de experiências já consolidadas em outras áreas da comunicação, como o jornalismo comunitário, o

jornalismo feminista e o jornalismo negro, que têm desenvolvido metodologias próprias para cobrir desigualdades a partir de uma perspectiva ética e comprometida. Essas abordagens não apenas enriquecem o conteúdo, mas também promovem transformações nas próprias rotinas de produção, nas escolhas editoriais e nos critérios de relevância jornalística.

Uma cobertura esportiva interseccionalmente informada é aquela que questiona, por exemplo, por que há tão poucas mulheres e pessoas negras nas comissões técnicas dos clubes; por que as transmissões esportivas ignoram as realidades das divisões de base ou do futebol amador nas periferias. É aquela que entende que o futebol não é um reflexo fiel da sociedade, mas um campo ativo de produção de sentidos, onde se disputam valores, identidades e projetos de futuro.

A interseccionalidade também pode ser aplicada à análise da própria mídia esportiva: quem são os(as) jornalistas que aparecem na tela? Quais histórias são contadas – e por quem? Quais vozes são valorizadas como especialistas? Que corpos estão presentes nos estúdios? Como são tratadas as denúncias de racismo, machismo ou homofobia? Essas perguntas, quando feitas com regularidade e rigor, ajudam a transformar o jornalismo esportivo em um espaço mais democrático e plural.

Para isso, é fundamental que os veículos de comunicação esportiva invistam na formação continuada de suas equipes, promovendo debates internos, consultorias especializadas e espaços de escuta. A incorporação de uma abordagem interseccional no jornalismo não acontece por osmose, nem por boa vontade: ela exige método, reflexão e mudança de cultura organizacional. Também exige coragem editorial, especialmente em um cenário marcado por pressões comerciais, conservadorismo social e ataques à imprensa.

Ainda que o jornalismo esportivo tradicional costume priorizar o entretenimento e a cobertura factual, há indícios de que parte do público demonstra interesse crescente por abordagens que dialoguem com questões sociais. Iniciativas como o canal “Dibradoras”,³⁴ por exemplo, têm conquistado engajamento justamente por articularem futebol com temas como gênero, sexualidade e raça.

³⁴ DIBRADORAS: Lugar de mulher é no esporte.

Embora não se possa afirmar que esse tipo de conteúdo seja majoritário ou hegemônico, sua existência aponta para a abertura de espaços alternativos no campo esportivo. A interseccionalidade, nesse contexto, pode atuar como diferencial de abordagem, ampliando as possibilidades de identificação e pertencimento.

Neste sentido, é preciso pensar que o jornalismo esportivo que incorpora a interseccionalidade como eixo de análise e prática é mais do que desejável: é necessário. Ele contribui para desnaturalizar as desigualdades, ampliar a pluralidade de vozes e fomentar um debate público mais informado e justo, fortalecendo sua própria relevância na sociedade e reafirmando seu compromisso com a verdade, a ética e a transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou refletir sobre os desafios e as possibilidades de um jornalismo esportivo alinhado à divulgação científica e à abordagem interseccional das desigualdades sociais. A partir de uma análise crítica do panorama atual da cobertura esportiva no Brasil marcada pela espetacularização, pelo sensacionalismo e pelas poucas abordagens de rigor informativo, defendemos a necessidade de reconfiguração do papel do jornalismo esportivo como mediador de saberes entre o campo científico e o público amplo que consome o futebol cotidianamente.

Mostramos que as mesas redondas do jornalismo esportivo, embora historicamente reduzido a um lugar de entretenimento, possui enorme potencial educativo e formativo.³⁵ Quando compreendido como um campo simbólico de disputa por sentidos, ele se revela capaz de contribuir para a democratização do conhecimento, especialmente quando assume a divulgação científica como eixo ético e metodológico. Ao incorporar a ciência como fonte legítima de informação e não apenas como curiosidade técnica, o jornalismo esportivo qualifica sua prática e fortalece seu compromisso com a sociedade.

³⁵ BETTI. *Esporte, televisão e espetáculo*.

Do mesmo modo, evidenciamos que a interseccionalidade é um dos conceitos indispensáveis para compreender as dinâmicas de desigualdade que atravessam o futebol brasileiro. A naturalização de privilégios e opressões no esporte, muitas vezes sustentada por discursos meritocráticos e silenciamentos midiáticos, precisa ser enfrentada com narrativas mais complexas, plurais e comprometidas com a justiça social. Nesse sentido, o jornalismo esportivo não pode mais se esquivar das responsabilidades que carrega enquanto construtor de imaginários e mediador de discursos.

A proposta aqui defendida não exige transformações imediatas ou radicais, mas sim um reposicionamento progressivo da prática jornalística esportiva. Isso pode se dar a partir de pequenas mudanças: o convite a pesquisadores e pesquisadoras como participantes de reportagens/debates de modo mais frequente; o uso de dados e estudos científicos como base de análise; a diversificação das pautas, das vozes e dos olhares que aparecem na cobertura; a criação de conteúdos educativos nas redes sociais; o incentivo à formação crítica das equipes de jornalismo. São gestos que, somados, apontam para uma nova ética da informação esportiva.

Sabemos que a incorporação da divulgação científica e da interseccionalidade ao jornalismo esportivo enfrenta obstáculos. Entre eles, destacam-se a pressão comercial por audiência rápida, a cultura organizacional das redações esportivas, e até mesmo a resistência de parte do público a temas considerados “sensíveis” no contexto esportivo. No entanto, são justamente esses desafios que tornam ainda mais urgente a construção de alternativas que combinem rigor, acessibilidade e compromisso ético. É possível convergir comunicação e futebol de modo interdisciplinar, mas para isso é preciso investir “tempo, leitura, trabalho duro e interlocução qualificada”.³⁶

Defendemos, portanto, que programas de jornalismo esportivo baseados em divulgação científica, com atenção às questões interseccionais, são não apenas possíveis, mas desejáveis. Eles podem contribuir para tornar o futebol um espaço de reflexão pública, de debate qualificado e de formação crítica. Esses programas não precisam renunciar à emoção, da paixão ou da linguagem popular que caracteriza o esporte, mas sim enriquecer esses elementos com conhecimento, com contexto e com responsabilidade.

³⁶ GASTALDO. *O futebol nas ciências humanas no Brasil*, p. 407.

Ao caminhar nessa direção, o jornalismo esportivo poderá se reconectar com sua função pública, ampliando os horizontes da cobertura e tornando-se um agente ativo na construção de uma sociedade mais informada, inclusiva e democrática. O futebol, enquanto fenômeno cultural e social, merece uma narrativa que vá além do espetáculo, que seja capaz de pensar seus bastidores, seus silêncios e seus conflitos. E a ciência, especialmente a ciência que se ocupa da condição humana, pode ser uma grande aliada nessa empreitada.

O momento é propício. Em tempos de disputas narrativas, de crescente atenção às pautas sociais e de valorização da produção científica como ferramenta de resistência à desinformação, o jornalismo esportivo tem a oportunidade de se reinventar. Cabe a jornalistas, pesquisadores(as), educadores(as), estudantes e gestores(as) da comunicação coletiva impulsionar essa transformação. Que o jornalismo esportivo do futuro seja também o jornalismo da ciência, da crítica e da justiça social.

* * *

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Cacilda Mendes. Santos; ASSMANN, Alice Beatriz; LOBATO, Elis Diniz. Lacerda; MAGALHÃES, Larissa Ferreira; BRANDÃO, Camila. Fernanda. Cunha; PAULA, Otávio Rodrigues. Divulgação e popularização da ciência em Educação Física e Esporte. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 18, n. 1, 2022.
- BAND.COM.BR. Neto defende Vini Jr após não conquistar a Bola de Ouro: “Não ganhou por ser preto”. Disponível em: <https://abrir.link/EAlmW>.
- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2018.
- BETTI, Mauro. Esporte, televisão e espetáculo: o caso da Tv a cabo. **Conexões**, Campinas/SP, v. 1, n. 3, p. 74-91, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.
- BUENO, Wilson Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, v. 15, n. 1, p. 1-12, 2010.

- COLLINS, Patrícia Hill. **Interseccionalidade** [recurso eletrônico] / Patrícia Hill Collins, Sirma Bilge; tradução Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.
- DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro In: DAMATTA, Roberto; FLORES, Luiz Felipe Baêta Neves; GUEDES, Simoni Lahud; VOGEL, Arno. **Universo do futebol**: Esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.
- DIBRADORAS. Dibras & Sensodyne. Disponível em: <https://abrir.link/BqZEU>.
- ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- FARIAS, Maria Giovanna Guedes; MAIA, Francisca Clotilde de Andrade. Proposição de Observatório Científico para Popularização da Ciência. **Informação & Sociedade**, v. 30, n. 3, p. 1-19, 2020.
- GASTALDO, Édison. Futebol e estudos de comunicação no Brasil: Caminhos e encruzilhadas de um campo indisciplinar. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.
- GUILBERT, Thierry. **As evidências do discurso neoliberal na mídia**. Campinas: Editora Unicamp, 2020.
- HAN, Byung. Chul. **Bom entretenimento**. Petrópolis: Vozes, 2019.
- HAN, Byung. Chul. **A crise da narração**. Petrópolis: Vozes, 2023.
- LAMEIRA, Magali Cristina Rodrigues. **Valores do esporte**: uma análise retórica da ciência e filosofia do esporte para o jornalismo esportivo televisivo. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2024.
- LORDÉLO, Fernanda Silva; PORTO, Cristiane Magalhães. Divulgação científica e cultura científica: Conceito e aplicabilidade. **Ciência em Extensão**, v. 8, n. 1, p. 18, 2012.
- LUDOPÉDIO. **Prorrogação** – Contra a homofobia: o caso de jogadores gays no futebol Society. 14 março 2021. Disponível em: <https://abrir.link/FSjQR>.
- LUDOPÉDIO. **Entrevistas** – Paulo Calçade. 03 novembro. 2010. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/entrevista/paulo-calcade/>.
- MARQUES, José Carlos. Esporte e os meios de comunicação no Brasil: Vícios e virtudes de um matrimônio secular. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.
- MASSARANI, Luisa; BAUER, Martin; AMORIM, Luis. Um raio X dos jornalistas de ciência: há uma nova ‘onda’ no jornalismo científico no Brasil? In: MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu Castro; BRITTO, Maria Fátima. (Orgs.). **Ciência e público**: caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ, 2013, p. 81-96.

OLIVEIRA, Dennis de. Novas configurações da esfera pública, diversidade étnico-corracial e jornalismo. **Extraprensa**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 7-31, 2024.

RYALL, Emily. **Philosophy of sports**: Key questions. London: Bloomsbury, 2016.

SESC Pinheiros. **Esporte Diverso | Diversidade**: cruzamentos entre história, sociedade e esporte. 18 março. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jnk8Qo8le84>.

TOLEDO. Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**: releituras. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas: Unicamp, 2010.

VAZ, Alexandre Fernandez. Esporte, cultura de massas: comentários segundo uma teoria crítica da sociedade. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; TOLEDO, Luiz Henrique de; MELO, Victor Andrade de. (Orgs.). **Olho no lance**: ensaios sobre esporte e televisão. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

VOGT, Carlos. Prefácio: De ciências, divulgação, futebol e bem-estar cultural. In: PORTO, Cristiane Magalhães; BROTAS, Antonio Marcos Pereira; BORTOLERO, Simone Terezinha (Orgs.). **Diálogos entre ciência e divulgação científica**: leituras contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2011.

VOGT, Carlos. The spiral of scientific culture and cultural well-being: Brazil and Ibero-America. **Public Understanding of Science**, v. 21, n. 1, p. 4-16, 2012.

* * *

Recebido em: 1º jun. 2025.
Aprovado em: 12 ago. 2025.